

BRANQUITUDE

O conceito de branquitude se origina da concepção de que brancas(os) são também sujeitos racializados e portanto, enquanto grupo, compõem uma raça. Esse conceito não se reduz à aparência física; abrange também as representações sociais simbólicas compartilhadas, como o lugar de superioridade, de privilégios subjetivos e materiais.

Trata-se de uma categoria que precisa ser compreendida na cultura a partir de elementos históricos, sendo assim, um conceito construído socialmente e, por isso, passível de mudança.

Outra categoria utilizada neste debate é a de branquidade como justamente a omissão desta racialização da pessoa branca. Um posicionamento crítico diante deste aspecto, segundo Lourenço Cardoso, em artigo de 2010 sobre o tema, diz respeito a avançar diante de uma identidade racial que se afaste de sua herança racista. Por outro lado, o autor chama de branquidade acrítica uma atitude de persistir argumentando em defesa de uma superioridade racial.

A partir do reconhecimento da pertença étnico-racial branca, estas pessoas passam então a conseguir refletir sobre seu modo de ser no mundo, contribuindo para a luta em prol de uma sociedade que de fato seja anti-racista.

BRANQUITUDE X NEGRITUDE?

A interrogação da identidade branca traz consigo um viés da desconstrução do racismo como um problema “só de negros”.

Os termos branquitude e negritude não são opostos. Ambos contornam o fenômeno das experiências identitárias de sujeitos brancos e negros. Nomear essas experiências não reforça suas estruturas de valor ou cria uma inversão (racismo ao contrário), mas permite interrogar a herança simbólica de privilégios.

Reconhecer a branquitude não é culpar nem absolver sujeitos brancos do racismo. Diz respeito a uma desconstrução da branquidade como norma, símbolo de felicidade, beleza, inteligência e etc., compartilhados no imaginário social. Na sociedade brasileira, em que o racismo é naturalizado e estrutural, a superioridade de um grupo, sendo ele consciente ou não, opera como correspondente da inferioridade do outro.

A pertença étnico-racial atribuída aos sujeitos brancos convoca-os a também se posicionarem frente às desigualdades raciais, deslocando-os da posição individual e passiva (não sou racista), para a construção coletiva de uma sociedade antirracista, abrangendo conseqüentemente as demais desigualdades que entrelaçam a experiência de ser no mundo.

BRANQUITUDE E PSICOLOGIA

Os estudos de William Edward Burghardt Du Bois, em 1935, Frantz Fanon, em 1952, e Guerreiro Ramos, em 1957, são importantes marcos sobre as relações raciais. Na década de 1990, estudos sobre a identidade racial branca ganharam força tendo como pioneiro o estudo “*critical whiteness studies*”, nos Estados Unidos, com outros estudos na Inglaterra, África do Sul, Austrália e no Brasil.

Pesquisas que abrangem a perspectiva psicossocial têm apontado que o ser branco é não ter que se interrogar sobre discriminações raciais e este silêncio vem operando para a manutenção da hierarquização das raças, e logo a condição de privilégio deste grupo social. Destacamos aqui a obra de Edith Piza, Iray Carone, Maria Aparecida Bento e Lia Schucman.

As identidades não se constituem de forma isolada dos processos sociais em que estão imersas. Não se pode considerar o branco nas relações raciais e fazer uma análise incompleta da realidade, responsabilizando unicamente as outras categorias não-brancas pela resignificação da concepção colonial do que é ser não branco.

PARA SABER MAIS

- Artigo: Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista, de Lourenço Cardoso, publicado no volume 8 da Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud em 2010;
- Capítulo de Livro: Branco no Brasil? Ninguém sabe, ninguém viu, de Edith Piza. Está contido no livro Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil, organizado Lynn Walker Huntley e Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, em 2010, pela editora Paz e Terra;
- Livro: Entre o “encardido” o “branco” e o “branquíssimo”: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo, de Lia Schucman publicado em 2014 pela editora Fapesp;
- Livro: Pele Negra, Máscaras Brancas, de Frantz Fanon, com publicação de 2008 pela EDUFBA;
- Livro: Psicologia Social do Racismo, de Maria Aparecida Silva Bento e Iray Cardoso publicado em 2014 pela editora Vozes;
- Publicação: Apresentação Dossiê Branquitude, de Lia Schucman e Lourenço Cardoso, publicado no volume 6 da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), em 2014.
- Tese: Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público, de Maria Aparecida Silva Bento publicada em 2002.



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
MINAS GERAIS

Participe das atividades da Comissão de
Psicologia e Relações Étnico-Raciais

www.crpmg.org.br
www.facebook.com/crpmg

branquitude

**Comissão de
Psicologia e Relações
Étnico-Raciais**